

## XXI

## ESPÍRITOS DEMENTADOS

Inúmeros servidores acompanhavam-nos ao serviço. Movimentavam-se carregadores sem conta. Conduziam grandes botijas d'água, caldeirões de sopa, vasos de substância medicamentosa, em galeotas diversas.

Mais alguns passos e notei que centenas de entidades se reuniam em vastos albergues, olhos vagueantes e rostos sombrios, parecendo uma assembléia de loucos em manicômio de amplas proporções.

Alfredo aconselhou umas tantas providências de serviço à maioria dos técnicos do sôpro curativo, os quais se desviaram de nós, rumo às edificações situadas em zona diferente.

Gentilmente, explicava-nos que os benfeitores de "Campo da Paz" localizavam, ali, grande número de Espíritos enfermos, mais desequilibrados que propriamente perversos. Os doentes que tínhamos sob os olhos permaneciam em melhores condições. Já se locomoviam e muitos dêles já conversavam, embora o desequilíbrio que lhes assinalava as palavras e pensamentos.

Esclarecia-nos, sôbre as múltiplas obrigações do trabalho de rotina, quando algumas entidades nos abordaram, respeitosas:

— Senhor Alfredo — disse um velho de barbas muito alvas — estou aguardando o resultado da minha petição. Em que ficamos, quanto às minhas terras e os escravos? Paguei bom preço ao Carmo Garcia. Sabe o senhor que venho sendo perseguido durante muitos anos, e não posso per-

der mais tempo. Quando volto para casa? Creio esteja o senhor ciente da necessidade de eu voltar ao seio dos meus. Esperam-me a mulher e os filhos.

Como excelente médico da alma, Alfredo prestou a maior atenção e respondeu, como se estivesse tratando com pessoa de bom senso:

— Sim, Malaquias, você reclama com razão, mas sua saúde não permite o regresso apressado. Você sabe que sua espôsa, Dona Sinhá, pediu para que você fôsse aqui tratado convenientemente. Creio que ela deve estar muito tranqüila a seu respeito. Suas idéias, porém, meu amigo, não estão ainda bem coordenadas. Temos alguma coisa mais a fazer. Por que preocupar-se tanto, assim, com as terras e os escravos? Primeiramente a saúde, Malaquias; não esqueça a saúde!

O velho sorriu, como o doente apoiado na firmeza e no otimismo do médico.

— Reconheço que as vossas observações são justas, mas meus filhos não se movem sem mim, são preguiçosos e necessitam da minha presença.

Mas, doutrinando sutilmente o pobre velhinho, o administrador objetou:

— Entretanto, donde vieram os filhos para os seus braços paternos? Não vieram das mãos de Deus?

— Sim, sim... — afirmava o ancião, trêmulo e satisfeito.

— Pois é isso, Malaquias, chegam instantes na vida, em que precisamos devolver a Deus o que a Ele pertence. Além do mais, seus filhos são também responsáveis, e, se forem ociosos, responderão pelos males que criarem em torno de si mesmos. Por agora, é indispensável que você se refaça, aclare as idéias e sossegue o coração.

O velho sorriu confortado, mas, antes que pudesse falar de novo, um cavalheiro, denotando nobre aprumo, adiantou-se, exclamando:

— E a solução do meu processo, senhor Al-



fredo? Sinto-me prejudicado pelos parentes de má fé. Minha parte na herança dos avós é cobiçada pelos primos. Segundo já lhe fiz ver, meu filho é superior aos demais. Soube, todavia, que o Visconde de Cairú interpôs toda a sua influência contra mim. Ninguém ignora tratar-se de um grande velhaco. Que não poderá ele fazer com as artimanhas políticas? Está mal informado a meu respeito. O senhor enviou meu pedido ao Imperador?

— Já expedi a mensagem — esclareceu Alfredo com carinho fraternal — o Imperador, certamente, levará em conta a solicitação.

— Entretanto, a demora é muito grande!... — falou o cavalheiro, impaciente, como se estivesse diante de um subordinado vulgar.

— Mas, meu caro Aristarco — respondeu o administrador muito calmo — acredito que você está sendo experimentado para conhecer a grandeza da herança divina. Que valem os patrimônios terrestres, ante os patrimônios imperecíveis? Não pense no que tem perdido; medite nos bens sublimes que poderá alcançar, diante da Vida Eterna. Esqueça os primos ambiciosos e o Visconde que não o compreendeu. Terão eles de deixar quanto possuem, no campo transitório, afim de prestarem contas à Divindade. Nunca pensou nisto?

Aristarco pareceu perder, por momentos, a inquietação, sorriu francamente e respondeu:

— E' verdade! Os tratantes morrerão...

Uma senhora, mostrando-se aflita, pôs-se à nossa frente e interpelou, altiva:

— Senhor Alfredo, peço-lhe não me retenha aqui. Meu marido é nosso próprio adversário. Prometeu perseguir as filhas, tão logo me ausentasse de casa. Aqui permanecendo, estou certa de que ele nos dissipará os bens, desmoralizar-nos-á o

nome. Por favor, autorize o meu regresso. O coração me diz que as filhinhas estão desesperadas. Convento-me, cada vez mais, de que a minha moléstia teve origem neste estado de coisas...

— Já sei, minha irmã — respondeu o nosso amigo com a mesma solicitude — no entanto, que adiantaria regressar, tão fortemente atormentada? Não será melhor curar-se, tranquilizar o espírito para ajudar as filhinhas com eficiência?

— Mas, nem sequer sei onde estou — reclamou a pobre senhora, torcendo as mãos — creio me tenham trazido ao fim do mundo, para tratamento de uma simples perda de sentidos!

— Todavia, ninguém a maltrata — disse o interlocutor, bondosamente — e seu caso não é tão simples como parece. Tenha calma. Os laços consangüíneos são edificantes, mas, acima deles, vibra a família universal. Há criaturas suportando fardos muito mais pesados que o seu. Aprenda, quanto esteja em suas possibilidades, a desfazer-se de aquisições passageiras, para ganhar os eternos bens.

A infeliz não sorriu como os outros. Fechando-se em sombria catadura, afastou-se pesadamente, olhos fulgurantes de cólera, como se a mente estivesse cravada muito longe, incapaz de qualquer compreensão.

Adiantaram-se outros enfermos, mas o administrador falou em voz alta:

— Não posso atender a todos no momento. Depois de amanhã, serão recebidos para explicações.

E, voltando-se par nós, esclareceu a sorrir:

— No círculo carnal, seriam todos absolutamente normais; no entanto, aqui, são verdadeiros loucos. São desencarnados que, por muito tempo, se agarraram aos problemas inferiores. Reclamam providências, sem falar do ensino de iluminação que



menosprezaram, acusam os outros, sem relacionarem os próprios erros. Procurei ouvi-los por lhes dar uma idéia do nosso trabalho, no setor dos que se desequilibram mentalmente por excesso de centralização em propósitos inferiores. Não é crime interessar-se alguém pelas atividades rurais, pela recepção de uma herança, pelo bem-estar da família; mas, no fundo, o velhinho que reclama terras e escravos nunca pensou senão em tirania no campo; o cavalheiro que aguarda a herança, deseja lesar os primos; e a senhora que se revelou tão interessada pelo ambiente doméstico, desencarnou quando pretendia envenenar o marido, às ocultas. Conheço-lhes o processo, um a um. Acordaram de longo sono, na inconsciência, e julgaram-se ainda encarnados, supondo igualmente que podem dissimular as pretensões criminosas.

Eu estava assombrado. Expressando minha profunda admiração, perguntei:

— Esses doentes demoram-se aqui? Como alcançaram o Pôsto?

Gentil, como sempre, Alfredo respondeu:

— Foram recolhidos em pior estado. Já estiveram em pesado sono durante muito tempo e vão readquirindo a memória, gradativamente, até que possam ser encaminhados aos Institutos Magnéticos de "Campo da Paz", afim de receberem maiores auxílios e necessários esclarecimentos.

## XXII

### OS QUE DORMEM

Seguimos através de longas filas de arvoredos acolhedor, rumo às vastas edificações que obedeciam a linhas arquitetônicas singulares.

Sem que eu pudesse explicar o fenômeno, as luzes diminuiam progressivamente. Que teria acontecido? Vicente e eu nos entreolhamos assustados. Alfredo, Aniceto e os demais, todavia, caminhavam sem surpresa. A serenidade deles tranquilizava-me o íntimo, embora o espanto insofreado.

Mais alguns passos, atingimos os pavilhões diferentes, que se estendiam em área superior a três quilômetros, pelos meus cálculos. Lá dentro, contudo, as sombras se fizeram mais densas. Conseguiu distinguir, vagamente, os quadros interiores, observando que se tratava, a meu ver, de espaçosas enfermarias com teto sólido, mas semi-abertas ao longo das paredes altas, dando livre passagem ao ar.

Dezenas de operários, devotados e operosos, seguiam-nos em absoluto silêncio.

Alfredo era o único a falar, notando-se, contudo, que se fizera extremamente discreto nas palavras.

Tudo isso me dava a impressão de haver penetrado um cemitério escuro, onde os visitantes fôssem obrigados a guardar todo o respeito aos mortos.

Com estranheza, notei que um dos servidores entregara ao chefe do Pôsto pequenina máquina, que Alfredo nos deu a conhecer gentilmente, explicando: